



UEPB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CAMPUS I

CENTRO DE EDUCAÇÃO (CEDUC)

DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE GEOGRAFIA

JOSÉ CÍCERO DO BÚ

**PENSANDO O PAPEL DO PROFESSOR E DOS ESTUDANTES NAS AULAS DE
GEOGRAFIA NO CONTEXTO DO ENSINO REMOTO**

CAMPINA GRANDE – PARAÍBA

2021

JOSÉ CÍCERO DO BÚ

**PENSANDO O PAPEL DO PROFESSOR E DOS ESTUDANTES NAS AULAS DE
GEOGRAFIA NO CONTEXTO DO ENSINO REMOTO**

Trabalho de Conclusão de Curso monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Ensino de Geografia.

Área de concentração: Ensino de Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Josandra Araújo Barreto de Melo

CAMPINA GRANDE – PARAÍBA

2021

B917p Bú, José Cicero do.
Pensando o papel do professor e dos estudantes nas aulas de geografia no contexto do ensino remoto [manuscrito] / José Cicero do Bú. - 2021.
43 p. : il. colorido.

Digitado.

Monografia (Especialização em Ensino de Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Josandra Araújo Barreto de Melo, Departamento de Geografia - CEDUC."

1. Ensino remoto. 2. Ensino de geografia. 3. Processo ensino-aprendizagem. I. Título

21. ed. CDD 372.89

JOSÉ CÍCERO DO BÚ

PENSANDO O PAPEL DO PROFESSOR E DOS ESTUDANTES NAS AULAS DE
GEOGRAFIA NO CONTEXTO DO ENSINO REMOTO

Trabalho de Conclusão de Curso monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de especialista em Ensino de Geografia.

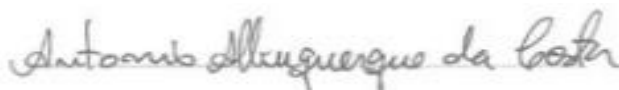
Área de concentração: Ensino de Geografia.

Aprovada em: 30/08/2021.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Josandra Araújo Barreto de Melo (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. MS. Maria Marta dos Santos Buriti
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, ao **Divino Espírito Santo**, meu porto seguro que, sem ele, a vida não teria sentido; que sempre esteve e está ao meu lado, em todos os momentos da minha vida, seja nos momentos bons, seja nos momentos difíceis, nunca me abandonou...

Aos meus pais que, mesmo nunca tendo frequentado uma sala de aula, tiveram a sabedoria necessária para educar os seus cinco filhos, sempre nos orientando para trilharmos o caminho do bem, compreendendo o valor de amar, perdoar e aceitar as diferenças do próximo, fazendo o bem, sem olhar a quem...

A minha esposa Valdenice e meus filhos Thiago e Mariana, por tudo. Ao amor, compreensão e dedicação que eles me proporcionaram, fazendo com que eu tivesse as forças renovadas, quando dos momentos difíceis nesta, que espero ser a continuação de uma longa jornada vitoriosa. Eles que são a razão da minha vida...

Aos meus irmãos e demais familiares que sempre me incentivaram na busca constante pela realização de meus sonhos, pois quando paramos de sonhar, a vida não tem mais sentido.

A todos os professores do curso de Geografia e, em especial, aos professores Rafael Albuquerque Xavier, João Damasceno, Josandra Araújo Barreto de Melo e Antônio Albuquerque da Costa, pelos quais tenho imensurável e profundo respeito, carinho, admiração e muita gratidão, por ter orientado os meus caminhos profissionais, por ter acreditado e fazer com que eu acreditasse no meu potencial, muito obrigado por tudo...

Aos meus colegas de curso pelo aprendizado que eles me proporcionaram durante o curso, os momentos felizes que compartilhamos juntos, as trocas de experiências que viabilizaram a construção do nosso próprio saber ao longo do curso.

Aos meus alunos, que sempre foram a razão de querer ser um professor melhor a cada dia e, mesmo sem saber, foram minha fonte de inspiração para eu não me deixar abater, pelos constantes desafios presentes no âmbito da sala de aula presencial e agora remota.

DO BÚ, José Cícero. Pensando o papel do professor e dos estudantes nas aulas de Geografia no contexto do Ensino Remoto, Campina Grande, 2021. Monografia da Especialização Em Ensino de Geografia. Departamento de Geografia _ DG / Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

RESUMO

A análise de como vêm se configurando os papéis dos professores e estudantes no ensino de Geografia de forma remota, a partir da vivência como professor na Escola Cidadã Integral Técnica Monsenhor José da Silva Coutinho, no Município de Esperança – PB foi o recorte temático delimitado para a presente pesquisa, tendo como objetivo geral diagnosticar as suas potencialidades e limitações, a partir da compreensão dos múltiplos fatores que permeiam essa realidade. Como objetivos específicos, busca-se refletir sobre os impactos causados no processo de ensino e aprendizagem, referente a insuficiência dos recursos tecnológicos para a mediação e acompanhamento das aulas remotas, além de instigar a formação de estudantes pesquisadores, capazes de perceber o seu papel no processo de ensino-aprendizagem e a formação ética, cidadã e protagonista. O universo de pesquisa é composto pelas três turmas da 3ª série A, B e C do Ensino Médio Técnico, tendo como técnica de coleta de dados diálogos via plantões pedagógicos coletivos e individualizados, análise de questionários de autoavaliação dos estudantes e da disciplina, aplicados bimestralmente na escola, o que possibilitou a obtenção dos subsídios necessários para diagnosticar as variáveis que conduzem a comprovação ou falseamento do protagonismo de professores e estudantes em meio remoto. O desenvolvimento de pesquisas no âmbito das salas de aula virtuais, híbridas ou presenciais, deve ser uma constante, objetivando subsidiar o trabalho docente, para, não, deixarmos nos desestimular com os variados desafios que se colocam a cada ano letivo e, porque não dizer a cada dia, mês ou bimestre que, de certa forma, desmotivam professores e alunos ao longo de suas trajetórias acadêmicas. Quando professores e estudantes assumem o protagonismo de suas existências, terão, a possibilidade de amenizar as dificuldades ao longo de suas jornadas acadêmicas e da vida pessoal, social e profissional. Portanto, podemos considerar que, a partir dos resultados obtidos ao longo deste trabalho, a pesquisa e a formação protagonista de professores e estudantes, seja no meio remoto, híbrido ou presencial, é um dos vários caminhos a ser percorrido para colocar em prática as transformações necessárias que possam fazer com que ensino se converta em aprendizagem efetiva. Tivemos a oportunidade de através da metodologia da problematização, diagnosticar os diversos pontos passíveis de

correção e melhoria, que norteasse possíveis caminhos para efetivar, mesmo num cenário tão desfavorável, a transformação de ensino em aprendizagem, visto que não podemos deixar de destacar que ensino, nem sempre é sinônimo de aprendizagem, principalmente quando levamos em consideração o perfil do estudante do século XXI.

Palavras-chave: Ensino Remoto; Protagonismo docente e discente; Ensino de Geografia.

DO BÚ, José Cícero. Thinking about the role of the teacher and students in Geography classes in the context of Remote Education, Campina Grande, 2021. Monograph of the Specialization in Geography Teaching. Department of Geography _ DG / State University of Paraíba – UEPB.

ABSTRACT

The analysis of how the roles of teachers and students in Geography teaching have been configured remotely, from the experience as a teacher at the Escola Cidadã Integral Técnica Monsenhor José da Silva Coutinho, in the Municipality of Esperança - PB was the thematic outline delimited for the present research, with the general objective of diagnosing its potentials and limitations, based on the understanding of the multiple factors that permeate this reality. As specific objectives, it seeks to reflect on the impacts caused in the teaching and learning process, regarding the insufficiency of technological resources for the mediation and monitoring of remote classes, in addition to instigating the training of student researchers, capable of realizing their role in teaching-learning process and ethical training, citizen and protagonist. The research universe is composed of the three classes of the 3rd grade A, B and C of Technical High School, having as data collection technique dialogues via collective and individual pedagogical shifts, analysis of student and subject self-assessment questionnaires, applied bimonthly at school, which made it possible to obtain the necessary subsidies to diagnose the variables that lead to proof or falsification of the protagonism of teachers and students in a remote environment. The development of research in the context of virtual classrooms, hybrid or face-to-face, must be a constant, aiming to subsidize the teaching work, not to let ourselves be discouraged by the various challenges that arise each school year and, why not say every day, month or every two months that, in a way, demotivate teachers and students throughout their academic trajectories.

When professors and students take the lead in their existence, they will have the opportunity to ease the difficulties along their academic journeys and in their personal, social and professional lives. Therefore, we can consider that, based on the results obtained throughout this work, research and the protagonist training of teachers and students, whether in remote, hybrid or on-site environments, is one of the several paths to be followed to put the transformations into practice. that can convert teaching into effective learning. We had the opportunity to, through the problematization methodology, diagnose the various points that could be corrected and improved, which would guide possible ways to effect, even in such an

unfavorable scenario, the transformation of teaching into learning, as we cannot fail to emphasize that teaching, it is not always synonymous with learning, especially when we take into account the profile of the 21st century student.

Keywords: Remote Learning; Teaching and student protagonism; Teaching Geography.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa de Localização do Município de Esperança – PB e sua Região Metropolitana	32
Figura 2 – Número total de estudantes que responderam o questionário da autoavaliação e, o percentual de respostas por turma/série	35
Figura 3 – Nível de dedicação e empenho dos estudantes das, 3ª série A, B e C nas aulas online durante o 2º bimestre – 19 de maio a 9 de agosto de 2021	36
Figura 4 – Nível de frequência das turmas da 3ª série A, B e C, nas aulas online via <i>google meet</i>	36
Figura 5 – Consigo manter, o mesmo nível, de aprendizagem nas aulas online, que tinha nas aulas presenciais de Geografia	37
Figura 6 – Análise do nível de interesse dos conteúdos ministrados e sua relação com o cotidiano dos estudantes	38
Figura 7 – Análise do apoio da família	39
Figura 8 – Análise do apoio da instituição escolar	40
Figura 9 – Autoavaliação dos discentes em relação ao seu desempenho nas aulas online, durante o 2º bimestre	41
Figura10 – Equipamentos e conectividade adequados para a efetivação da aprendizagem, durante o ensino remoto	42

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CBG	Congresso Brasileiro de Geógrafos
COVID-19	Infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global.
ECIT	Escola Cidadã Integral Técnica
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ES	Espírito Santo
MP	Metodologia da Problematização
OMS	Organização Mundial da Saúde
PB	Paraíba
RME	Região Metropolitana de Esperança
SEECT	Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.1	O Ensino de Geografia em meio remoto: panorama de desafios atuais, tomando por base a realidade brasileira	21
2.1.1	Dando protagonismo ao aluno em meio ao ensino remoto: tendências progressistas de ensino e o papel da pesquisa no ensino de Geografia	25
3	METODOLOGIA	30
3.1	Localização e caracterização do espaço da pesquisa	32
3.1.1	Método	33
3.1.2	Técnicas de pesquisa	34
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	35
4.1	Autoavaliação dos estudantes e do componente curricular de Geografia: Turma/Série 3ª A, B e C	35
4.1.1	Apoio da família, pedagógico e institucional	39
4.1.2	Em pleno século XXI, infelizmente, nem todos têm acesso a tecnologia de ponta	42
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
6	REFERÊNCIAS	45

1 INTRODUÇÃO

Os desafios do sistema educacional brasileiro não são fáceis de serem solucionados e, com a premente necessidade de darmos continuidade aos estudos em meio remoto, evidenciaram-se o agravamento dos já existentes e surgiram novos desafios, tornando ainda mais necessário o professor ressignificar sua prática docente para continuar ofertando aos discentes um ensino de qualidade que possa ser sinônimo de aprendizagem efetiva e, conseqüentemente útil para o seu desenvolvimento acadêmico e profissional.

Ressignificar sua prática docente, significa não apenas ficar no campo dos discursos, mas enveredar pelos árduos caminhos da pesquisa, tendo como fonte e laboratório nossas salas de aula, cujos dados nos fornecerão os subsídios necessários e, porque não dizer, concretos, que irão apontar possíveis trilhas que nos conduzirão aos lugares que queremos chegar, lugares estes, que não podem ser encarados como pontos finais, mas como novos pontos de partida, para novas descobertas, porque a pesquisa na área da educação não pode ser encarada como algo esgotável, visto que a cada ano letivo temos outros desafios a serem enfrentados.

O papel do professor e do aluno nas aulas remotas de Geografia na ECIT Monsenhor José da Silva Coutinho, no Município de Esperança – PB, e, porque não dizer, nas demais escolas do Brasil precisa ser ressignificado na direção da formação protagonista efetivamente, para que, a cada ano letivo, seja no meio remoto, híbrido ou presencial, sejam identificados os obstáculos que impendem transformar ensino em aprendizagem útil para a vida de todos os atores deste cenário. Daí a urgência de todos se movimentarem e, através dos dados de pesquisa, trilhar possíveis caminhos que nos fornecerão as possíveis respostas para minimização dos diversos problemas de aprendizagem.

Possíveis caminhos, porque não podemos nos iludir e pensarmos que já temos em mãos a receita, porque num universo múltiplo de realidades, não existe um único caminho, existem várias trilhas a seguir com seus diversos obstáculos que devemos buscar os meios para superá-los e, chegar aos resultados desejados. Resultados que irão nos nortear para obtermos a efetivação do processo de ensino e aprendizagem, capaz de estimular a formação protagonista e, conseqüentemente, cidadã dos atores que irão reescrever o enredo de nossa história, e, porque não dizer, redirecionar o caminho da nossa sociedade.

Neste trabalho longe está a nossa intenção de apontar culpados, nem de fornecer resultados incontestáveis, antes objetivamos compartilhar aprendizagens e evidenciar a importância de perceber cada indivíduo com suas mais íntimas particularidades e, o conjunto

desses indivíduos (sala de aula), como um campo fértil de pesquisa, que nos fornecerão os dados e informações de como lidar com as mais diversas realidades presentes neste espaço, que, desde março de 2020, passou a ser virtual, mas não perdeu sua significância. O professor deve se tornar pesquisador para não “render-se” ao sistema, muitas vezes, manipulador que pretende manter seu domínio hegemônico e, conseqüentemente, nos colocar na terrível e inaceitável zona de conforto, tão somente para perpetuar o seu domínio.

A pesquisa que resultou na escrita deste trabalho nos trouxe alguns resultados que podem solucionar alguns gargalos que dificultam a efetivação de ensino em aprendizagem. A nossa contribuição está dividida da seguinte forma: no tópico 2 buscamos fazer uma breve e modesta revisão teórica, para fundamentarmos teoricamente o objeto de estudo. Quando da escrita do tópico 2.1, buscamos traçar um panorama do ensino de Geografia em meio remoto, tomando como referência a realidade brasileira vivenciada e compartilhada por alguns teóricos em seus escritos. Na escrita do tópico 2.1.1, tentamos evidenciar quais os meios necessários para darmos protagonismo aos nossos estudantes, em meio ao ensino remoto, tomando como base as tendências progressistas de ensino de Geografia e, evidenciando o papel da pesquisa para consolidar tal objetivo.

Na metodologia, fizemos uma breve reflexão sobre o papel do professor e do estudante de Geografia no âmbito das aulas virtuais. No tópico 3.1, o leitor terá a oportunidade de identificar a localização da instituição e ensino onde se desenvolveu a pesquisa e seu perfil estrutural, instrumental e educacional.

No tópico 3.1.1 o leitor poderá identificar qual foi o método utilizado para o desenvolvimento da pesquisa e no tópico 3.1.2 poderá identificar quais foram as técnicas que possibilitaram o desenvolvimento do trabalho de pesquisa. No tópico 4 estão presentes todos os resultados e discussões, subsidiados, pelo diagnóstico dos dados e seu tratamento para obtermos as informações necessárias para a escrita do supracitado tópico. Nas considerações finais, apresento a minha visão sobre os resultados do trabalho.

Tivemos como objetivo diagnosticar as potencialidades e limitações do Professor e dos Estudantes, a partir da compreensão dos múltiplos fatores que permeiam essa realidade do ensino remoto. Quanto a metodologia utilizamos a metodologia da problematização para diagnosticar os diversos pontos passíveis de correção e melhoria, que norteasse possíveis caminhos para efetivar, mesmo num cenário tão desfavorável, a transformação de ensino em aprendizagem, visto que não podemos deixar de destacar que ensino, nem sempre é sinônimo de aprendizagem, principalmente quando levamos em consideração o perfil do estudante do século XXI.

O desenvolvimento da presente pesquisa justifica-se pela urgência em vislumbrar meios que possam contribuir com a efetivação de ensino em aprendizagem útil para os estudantes colocarem em prática ao longo de suas vivências acadêmicas, profissionais e sociais, como forma de promover as transformações que a educação e a sociedade necessitam durante o século XXI.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Quando a Organização Mundial da Saúde – OMS, no dia 11 de março de 2020, declarou que “a disseminação comunitária da COVID-19 em todos os Continentes a caracteriza como pandemia” e que, para contê-la, se fazia necessário a tomada de três ações básicas: “isolamento e tratamento dos casos identificados; testes massivos; e distanciamento social”, a rotina de professores e estudantes brasileiros, em especial os da rede pública de ensino foi bastante afetada. Passados um ano e quatro meses, muitos não conseguiram se adaptar ao “novo normal”, devido a inúmeros fatores, fato que trará prejuízos incalculáveis ao processo de ensino-aprendizagem, em todo território nacional.

Na rede estadual de ensino da Paraíba, as aulas foram retomadas de maneira remota, a partir da publicação da Portaria nº 418/2020 SEECT, através do *Google Meet* e utilização da Plataforma Digital Paraíba Educa - *Google Classroom*. O Governo do Estado da Paraíba, por intermédio da Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia, ofertou aos professores e gestores da rede estadual um curso intitulado: *GOOGLE CLASSROOM PARA GESTÃO DE ATIVIDADES REMOTAS NO REGIME ESPECIAL DE ENSINO*, com carga horária de 20 horas, objetivando a qualificação dos gestores e docentes.

Muitos conflitos desencadearam-se a partir do início do ensino remoto, causados pelo fato de que, mesmo com toda evolução e inovação tecnológica, uma parcela considerável de professores e estudantes nunca foram apresentados as ferramentas e recursos tecnológicos que viabilizam o ensino remoto e os que já conheciam tais ferramentas e recursos, não as dominam, pelo simples fato de não utilizá-los com frequência, sendo pertinente observar que temos uma parcela bem mais considerável de estudantes que não têm acesso a um sinal de internet de qualidade, bem como notebook, computador de mesa ou tablet para assistir as aulas virtuais e fazer as atividades na plataforma.

Quando muito, estes estudantes assistem as aulas e fazem as suas atividades pelo celular, dando o seu melhor dentro das condições que têm no momento, fazendo com que tenhamos um aumento substancial dos excluídos, ocasionado principalmente pelo fato de que:

Vivemos num mundo confuso e confusamente percebido. Haveria nisso um paradoxo pedindo uma explicação? De um lado, é abusivamente mencionado o extraordinário progresso das ciências e das técnicas, das quais um dos frutos são os novos materiais artificiais que autorizam a precisão e a intencionalidade. De outro lado, há, também, referência obrigatória à aceleração contemporânea e todas as vertigens que cria, a começar pela própria velocidade. Todos esses, porém, são dados de um mundo físico fabricado pelo homem, cuja utilização, aliás, permite que o mundo se torne esse mundo confuso e confusamente percebido (SANTOS, 2001, p.17).

Neste início da segunda década do século XXI, infelizmente, os frutos do extraordinário progresso da ciência e da tecnologia, não estão ao alcance das classes sociais menos favorecidas, fato que vem contribuindo para fazer crescer o número dos excluídos na sociedade brasileira. A ineficiência do Estado brasileiro em todos os setores de sua economia e, em especial, nos setores de educação, pesquisa, ciência e tecnologia é, sem dúvida, a principal causa desta exclusão, muitos estão colocando a culpa na pandemia, mas apenas está tornando clara as consequências para a sociedade da não colocação em prática de um Projeto Nacional eficaz, que possibilite a sociedade brasileira acompanhar a velocidade imposta pelo processo de globalização.

Segundo Milton Santos, “o poder da Geografia é dado pela sua capacidade de entender a realidade em que vivemos”. Tornando o papel acadêmico e social do professor de Geografia ainda mais árduo neste período pandêmico, visto que nunca foi e agora, mais do que nunca, não está sendo fácil ensinar e aprender os conhecimentos geográficos, ou seja, fazer a relação dos conteúdos da disciplina com o cotidiano dos estudantes, para que percebam o verdadeiro papel da Geografia na transformação da sociedade contemporânea em uma sociedade pós-pandemia, bem mais equânime.

O professor de Geografia deve ressignificar o ensino desta disciplina escolar tão importante, no tocante a compreensão do atual cenário, para que os estudantes percebam que.

A complexidade crescente dos diversos setores da vida no âmbito mundial, nacional e local tem demandado o desenvolvimento de capacidades humanas de pensar, sentir e agir de modo cada vez mais amplo e profundo, comprometidos com as questões do entorno em que se vive (BERBEL, 2011, pp. 25-26).

Tal complexidade só será compreendida pelos discentes se forem instigados a exercer efetivamente o seu papel protagonista, por meio da introdução de metodologias de ensino ativas, capazes de estimular o estudante a sair da passividade e partir para a atividade, se tornando um aluno pesquisador, com a orientação de seus professores. Só assim, os estudantes poderão motivar-se e irem em busca do aprofundamento dos saberes existentes, possibilitando a construção de novos saberes, para intervir nas questões do entorno onde vivem.

A formação de um estudante autônomo, solidário e competente não é uma tarefa das mais fáceis, mesmo com o auxílio das metodologias ativas, visto que requer uma formação inicial e continuada de excelência, por parte dos docentes de Geografia, além da adaptabilidade a nova realidade do ensino remoto e suas aulas virtuais, porque é pertinente

lembrar que a eficácia de uma aula presencial jamais será substituída por uma aula online, por mais preparados que os professores estejam para ministrar tais aulas.

O ato de ensinar ganhou novos contornos com o advento do ensino remoto e suas aulas remotas. Professores e estudantes tiveram de se reinventar para poder consolidar o processo de ensino e aprendizagem capaz de atender, com eficácia, suas demandas porque é:

[...] socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender. Não temo dizer que inexistiu validade no ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado, em que o ensinado que não foi aprendido não pode ser realmente aprendido pelo aprendiz (FREIRE, 2002, pp. 12-13).

De acordo com a fala de Freire, precisamos trabalhar novas maneiras, caminhos e métodos de ensino, se quisermos contribuir com a formação integral de nossos alunos, ou seja, a formação de sujeitos capazes de superar os desafios impostos pela pandemia e demais desafios do século XXI, mesmo no atual cenário, permeado por inúmeras dificuldades, porque os avanços e a inovação tecnológica continuam e, por sua vez, a sociedade capitalista ignora quem não consegue acompanhar sua rapidez e competitividade.

Dentre as várias causas que estão limitando a execução do processo de ensino e aprendizagem, está o “desânimo” dos alunos em dar continuidade aos seus estudos, através do ensino remoto, seja por não ter as condições mínimas para acompanhar as aulas virtuais e fazer as atividades na plataforma do *Google Classroom*, seja por dar ouvidos aos pessimistas de plantão, de que o ano está perdido e de nada adiantará estudar remotamente, sendo justamente neste ponto, onde percebemos nitidamente o quanto o Estado brasileiro foi, e continua sendo, ineficaz nos setores da educação, pesquisa, ciência e tecnologia, visto que:

Fala-se, igualmente, com insistência, na morte do Estado, mas o que estamos vendo é seu fortalecimento para atender aos reclamos da finança e de outros grandes interesses internacionais, em detrimento dos cuidados com a população, cuja a vida se torna mais difícil (SANTOS, 2001, p.19).

Se o Estado brasileiro tivesse atendido aos reclamos da nação, que sempre pediu uma educação de qualidade, não estávamos enfrentando as dificuldades que se tornaram mais visíveis com a pandemia, a ausência de estímulo dos alunos em estudar, de formação continuada para os professores, de meios e recursos tecnológicos que contribuem para a

eficiência do processo de ensino e aprendizagem, sempre estiveram presentes no cotidiano das escolas, o que sempre deixou a desejar foi a presença do Estado.

A ausência do Estado nas últimas décadas tem sido uma das principais, se não a principal causa pela qual professores e estudantes, na sua maioria, não estão conseguindo se adaptar ao novo cenário do processo de ensino e aprendizagem. Não se faz necessário ser um especialista da área para perceber que no início da segunda década do século XXI, com a velocidade extraordinária dos avanços nas áreas de ciência e tecnologia, a área da educação não era para estar enfrentando tantos obstáculos para efetivar um ensino remoto, que contemplasse todos e/ou, pelo menos, a maioria absoluta dos professores e estudantes, de forma eficaz e qualificada.

A educação de qualidade é cada vez mais inacessível. Alastram-se e aprofundam-se males espirituais e morais, como os egoísmos, os cinismos, a corrupção. A perversidade sistêmica que está na raiz dessa evolução negativa da humanidade tem relação com a adesão desenfreada aos comportamentos competitivos que atualmente caracterizam as ações hegemônicas. Todas essas mazelas são direta ou indiretamente imputáveis ao presente processo de globalização. Todavia, podemos pensar na construção de um outro mundo, mediante uma globalização mais humana (SANTOS, 2001, p.20).

O estímulo de professores e alunos neste período de aulas remotas e atividades na plataforma *classroom* deve advir da esperança de construir um mundo melhor, uma globalização humanizada com o Homem como centro do Mundo, ou seja, com todos os avanços na área da ciência e tecnologia a serviço da humanidade e não a serviço de poucos países, poucas empresas, poucas pessoas. Precisamos parar de imputar as mazelas presentes neste mundo (o desemprego, as precárias condições na área da saúde, a má qualidade da educação, a fome, a miséria, os males provocados pela covid-19 e suas variantes) ao atual estágio do processo de globalização e aos “homens e mulheres lentos”¹.

A naturalização dos acontecimentos acima citados e o fingimento de que nada está acontecendo em nossa sociedade, principalmente na área da educação, sempre foi e continuará sendo a visão de mundo que as forças hegemônicas querem que os “de baixo”² tenham do mundo. Precisamos acordar e mostrar a realidade aos estudantes, visto que podemos fazer transformações, desde que exista a percepção de que podemos fazer muito

¹ Termo criado pelo geógrafo Milton Santos para definir os homens e mulheres comuns que registem as forças dominantes e/ou perversas da globalização.

² Outro termo criado pelo geógrafo Milton Santos para definir os homens e mulheres comuns que lutam contra as forças dominantes.

dando o nosso melhor, dentro das condições que temos no momento, porque de nada adiantará ficar esperando por dias, e, condições melhores para agir.

É preciso ficar claro que a desesperança não é maneira de estar sendo natural do ser humano, mas distorção da esperança. Eu não sou primeiro um ser da desesperança a ser convertido ou não pela esperança. Eu sou, pelo contrário, um ser *da esperança* que, por “n” razões, se tornou desesperançado. Daí que uma de nossas brigas como seres humanos deva ser dada no sentido de diminuir as razões objetivas para a desesperança que nos imobiliza (FREIRE, 2002, p. 29).

Dessa forma, precisamos cultivar a esperança por dias melhores, deixando de lado a desesperança, que está “travando” a sociedade, porque através dos diversos meios midiáticos as forças hegemônicas propagam a naturalização das coisas, imputando o agravamento das injustiças socioeconômicas ao atual estágio do processo de globalização aos “homens e mulheres lentos”, que “dificultam” o progresso da ciência e da tecnologia e, conseqüentemente, socioeconômico de maneira mais homogênea em escala mundial.

Portanto, como sempre está nas mãos dos professores a missão de adaptar algumas das metodologias ativas, tais como a sala de aula invertida, a cultura maker, dentre outras, que se encaixam a realidade de cada turma, de cada estudante possibilitando estimular seus discentes na construção de novos conhecimentos, a partir dos saberes existentes, efetivando o protagonismo docente e discente para que tenhamos as possibilidades de consolidar a formação de sujeitos autônomos, solidários e competentes, aptos a exercer a sua cidadania.

[...] não posso duvidar um momento sequer na prática educativo-crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de *reprodução* da ideologia dominante quanto o seu *desmascaramento*. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só a outra dessas coisas. Nem apenas *produtora* nem apenas *desmascaradora* da ideologia dominante (FREIRE, 2002, p. 38).

A autonomia docente, que possibilitará a formação da autonomia dos discentes não é uma das tarefas mais fáceis, visto que se faz necessário por parte dos professores “fugir” do currículo, muitas vezes, “engessado”, bem como nutrir o desejo de intervir no mundo através da sua prática pedagógica, sem ferir a liberdade de escolha de seus alunos. Contudo, é pertinente observar que só teremos uma educação de qualidade, seja no período pandêmico, seja no pós-pandemia se esta educação possibilitar, respeitando o direito de pensar e agir de cada indivíduo, as intervenções necessárias no mundo para torná-lo mais humanizado.

A educação apenas burocrática, conteudista, não tem mais espaço dentro das escolas do século XXI, aliás este tipo de educação já era para ter sido abolida, desde o século XIX. Mas para que isto aconteça concretamente será necessário um percentual considerável dos professores colocar em prática seus discursos inovadores, ou seja, precisamos colocar em prática as ações que possibilitarão termos uma educação inovadora, que atenda as demandas de professores e alunos. Só assim, superaremos os desafios oriundos dos vários equívocos cometidos por todos no processo de ensino e aprendizado do século passado e deste século que se inicia.

Não podemos mais perder energias e tempo, buscando culpados, e/ou nos culpando, porque se estamos dando nosso melhor dentro das condições que temos no momento, ou seja, nos qualificando, lutando por melhores condições de trabalho para nós e para nossos alunos, reivindicando uma remuneração justa para toda categoria. Acredito que estamos no caminho certo, no caminho que irá futuramente possibilitar a expansão das vias que transformarão a sociedade contemporânea numa sociedade futura bem mais equânime, em todos os seus setores.

O que não pode acontecer é se impedir o professor de pensar alternativas, de escolher ou de criar. Vai depender das suas condições, que aliás são um tanto precárias pela própria formação acadêmica que tiveram num momento da história brasileira em que se recebia tudo pronto para não se correr o risco de tentar alternativas que não interessassem (CALLAI, 2001, p. 135).

O professor precisa ter sua autonomia pedagógica/metodológica respeitada, contudo os docentes necessitam adaptar-se as novas demandas impostas pelo ensino remoto, mesmo não tendo na sua formação inicial a oportunidade de aprender a trabalhar com as metodologias ativas e as tecnologias educacionais, que são ditas inovadoras, não pode se furtar de desenvolver as competências e habilidades necessárias para testar as metodologias e as tecnologias educacionais que lhes possibilitarão apresentar aos discentes novas formas de aprendizagem, sendo a formação continuada a “arma” que os educadores dispõem para aprender o que não aprenderam em sua formação inicial.

Talvez muitos professores, em especial de Geografia, tenham a oportunidade ocasionada por este hiato provocado pela pandemia no processo de ensino e aprendizagem, de colocar em prática um currículo mais flexível e, ao mesmo tempo, que trabalhe os conteúdos programáticos que são necessários para preparação dos estudantes para o Enem, trabalhe paralelamente o currículo oculto, tão importante para a formação das competências e habilidades para o século XXI e para a Vida, competências e habilidades que estão presentes

na proposta curricular da Nova BNCC do Ensino Fundamental e Médio e, já são praticadas nas Escolas Cidadãs Integrais e Integrais Técnicas do Estado da Paraíba, por meio do currículo da base diversificada. Neste sentido, podemos corroborar com Callai, 2001, p. 135, quando fala que:

Um programa oficial pronto e organizado para se adequar/aplicar em todas as escolas passa por cima das contradições existentes na sociedade de um modo mais amplo, e da diversidade que existe nos níveis regionais. Supõe uma sociedade harmônica e homogênea e desconhece/despreza as contradições regionalizadas e localizadas. É, sem dúvida, um instrumento de poder e como tal funciona ideologicamente no sentido de perceber/reconhecer apenas os problemas mais gerais, sem considerar a realidade concreta em que vivem os alunos e mesmo os professores.

Os professores exercem o papel de orientadores da sociedade, portanto necessitam lançar seus ensinamentos em várias direções para orientar os seus alunos nas possíveis e diversas rotas existentes, que lhes norteiam em sua formação de sujeitos integrais, capazes de intervir positivamente pessoal, social e profissionalmente no seio de uma sociedade, que clama por mudanças que viabilizem uma maior equidade socioeconômica, étnica, cultural e política, desde a escala local até a mundial. Para tanto, a qualificação profissional, através da formação continuada, é imprescindível para escolher dentre as diversas tecnologias da educação e as metodologias existentes, as que se adequam ao perfil de seus alunos.

Mas, não basta apenas conhecer o aluno e o mundo em que ele está inserido, para construção de um trabalho eficaz, antes o professor deve ter domínio do conteúdo trabalhado para transmitir confiança aos seus alunos, na hora de orientá-los no caminho que eles devem seguir para construção de seu próprio conhecimento, objetivando a formação de um ser crítico capaz de, através da práxis, defender suas próprias ideologias, podendo-se, para isso, utilizar as representações sociais que os alunos já trazem consigo (DO BÚ, MELO, 2014, p. 4).

Seguindo a mesma linha de raciocínio Spironello et. al. (2001, p.54), entende que:

Logo, a Geografia pode vir a ser enriquecida através da percepção que o indivíduo tem ou que ele faz de seu mundo se colocada e trabalhada de forma clara e consciente, voltada sempre para o crescimento do indivíduo como ser, e da comunidade, como resposta ao trabalho a ser desenvolvido.

No atual cenário, torna-se um pouco mais difícil, tomar a escola como campo de pesquisa, contudo podemos utilizar o que temos no momento para realizar essa pesquisa e colocar os seus resultados a serviço dos alunos, visto que mesmo distante fisicamente, podemos superar este fator limitante, porque estamos bem mais próximos virtualmente,

através do *google meet*, do *whatsapp*, podemos utilizar apps e softwares como o *mentimeter* para criar tempestades de palavras e/ou nuvem de palavras, do *padlet*, do *kahoot*, do *google forms*, a *gamificação*, dentre outros, que podem ser utilizados nas aulas remotas para torná-las mais dinâmicas e, dependendo da criatividade do professor, os estudantes tenham mais possibilidades de aprofundamento do conhecimento, por intermédio dos desafios propostos.

[...] podemos considerar que a ciência geográfica, sendo trabalhada de forma clara, não só pode, mas deve contribuir para formação de um cidadão crítico consciente de seus direitos e deveres perante a sociedade, contribuindo para construção de um novo saber, voltado para solução dos vários problemas presentes no cenário da sociedade em que ele está inserido (DO BÚ; MELO, 2014, p. 5).

Portanto, a partir do momento em que o professor de Geografia perceber a importância, do como ministrar suas aulas, terá a oportunidade de estimular seus alunos no tocante a reconhecer a realidade presente em seu entorno e nos locais mais distantes. Terá as condições de desenvolver conjuntamente com seus alunos as competências e habilidades necessárias para intervir positivamente no local e no global. E se o que temos no momento para instigar a formação do aluno pesquisador é a aula virtual, então será nesta o nosso campo de pesquisa e laboratório de testes para colocação em prática das várias teorias existentes e de novas metodologias que viabilizem o interesse dos discentes pelas aulas virtuais de Geografia.

2.1 O Ensino de Geografia em meio remoto: panorama de desafios atuais, tomando por base a realidade brasileira

O processo de ensino e aprendizagem, em especial de Geografia, nunca foi tão desafiador quanto no atual contexto de aulas virtuais, já que professores e estudantes estão vivenciando um cenário complexo, onde têm de conviver diariamente com o desrespeito para com o bem mais precioso de um ser humano, a sua Vida. Além de continuar presenciando o descaso das autoridades constituídas para com a educação, infelizmente a qualidade está longe de ser prioridade e, preferem persistir no equívoco de apresentar números que, de nada contribuem para corrigir os eternos erros, que parecem ser propositais, na área da educação.

A pandemia que forçou o advento do ensino remoto, literalmente, também trouxe à tona as “mazelas” de um sistema de educação, em escala nacional, que vinha sendo olvidado, atribuindo as responsabilidades pelo fracasso a quem não as tem, a quem ainda, heroicamente, mantém uma qualidade mínima do sistema educacional nacional, os professores, que são

verdadeiros protagonistas, mas que recebem o título de principais responsáveis pelo caos que, há décadas, corrói as engrenagens do sistema de educação nacional.

Mesmo com todos os desafios proporcionados pela ausência instrumental e tecnológica adequadas para a condução do ensino remoto que, aparentemente, parecem intransponíveis, os professores de Geografia não podem se render ao sistema, pelo contrário, precisam exercer o seu papel social e instigar o pensamento crítico e reflexivo de seus alunos, para juntos conduzir um audacioso processo de ensino e aprendizagem, capaz de contribuir com a formação de sujeitos autônomos, solidários e competentes, prontos para executar ações que influenciem positivamente, mesmo num cenário tão adverso, para evolução ética, moral, intelectual, socioeconômica e sociocultural dos membros da sociedade onde estão inseridos.

Dessa forma, o ensino remoto reforça não apenas a fragilidade da escola neste momento de crise, mas também a fragilidade do Estado em promover ensino de qualidade, dos órgãos públicos responsáveis de promover igualdade no acesso aos meios para a educação. Não considerando as especificidades de cada escola, de cada lugar do nosso país. Pois as medidas adotadas em todo país servem apenas para evidenciar as desigualdades socioespaciais em que vivenciamos no Brasil (SILVA, NASCIMENTO; FELIX, 2020, p. 6).

Se professores e estudantes não desenvolverem as competências e habilidades para ensinar e aprender, contidas na BNCC e em outros documentos norteadores que lhes possibilitam serem verdadeiros protagonistas, a tendência será ampliar as desigualdades socioespaciais tão evidentes no Brasil, mas que o Estado e os órgãos públicos da área da educação não buscam corrigir as causas geradoras que colaboram para fragilizar o sistema educacional do país, há décadas. Infelizmente, não podemos contar com quem deveria ser o principal parceiro de professores e estudantes na promoção de um ensino de qualidade, o Estado brasileiro.

Muito provavelmente, a maior angústia dos docentes e discentes é perceber o nítido abandono ao qual estão relegados e, o pior, é ter a certeza de que, ao mínimo sinal de êxito, o mérito é atribuído a outros agentes e não aos professores, que, diariamente, estão procurando cumprir o seu papel, mesmo com as parcas condições que têm no momento e, se destacam pelo seu protagonismo. Professores e alunos, em todos os recantos desde país continental, com tantas particularidades/individualidades/características distintas em um mesmo núcleo urbano, comunidade rural, comunidades indígenas e quilombolas.

[...] Assim, os principais afetados por esse contexto, alunos e professores, acabam por ser avaliados pela lei da meritocracia, na qual o professor, por meio de uma educação baseada em um modelo industrial, não pode parar de produzir, não pode

diminuir o ritmo da produção, não importam as condições. Ao aluno cabe a função de cumprir uma quantidade cada vez maior de tarefas, quando tem acesso, não importa se estas fazem ou não sentido em sua vida, sobretudo neste momento, não importa se eles fazem ou não reflexão do contexto em que estão inseridos, o que é importante é manter a escola funcionando e cada um que acompanhe seu ritmo (SILVA; NASCIMENTO; FELIX, 2020, p. 6).

A tarefa não é e nunca será fácil, mas num cenário de guerra provocado, não apenas pela pandemia, mas por décadas de descaso com o sistema de educação brasileiro, que gerou uma sociedade negacionista, muito pelo alto grau de imaturidade intelectual e ética, o papel do professor de Geografia torna-se bem mais difícil do que no período anterior a pandemia da Covid-19, visto que temos de instigar os alunos a refletir sobre o contexto em que estão inseridos e buscar nos equilibrar emocionalmente diante de todo caos instalado na sociedade brasileira, para tentar fazer com que os discentes também busquem se equilibrar emocionalmente, para juntos superarmos nossas limitações e aflições.

Para suportar a pressão de um sistema educacional baseado em um modelo produtivista industrial, que privilegia a formação acrítica, objetivando unicamente a formação de mão-de-obra qualificada para atender a demanda do mercado, necessita de profissionais com uma sólida formação inicial e continuada, para bater de frente com o sistema e não se entregar, não desistir da execução de seu papel social, não desistir de estimular a “política dos de baixo” que, segundo Milton Santos, é a única maneira de lutar contra o poder hegemônico.

[...] O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com quem dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da *História*, mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, *constato* não para me *adaptar*, mas para *mudar* (FREIRE, 2002, p. 30).

Portanto, para que o ensino de Geografia no meio remoto obtenha significado deve, não apenas adaptar-se ao “novo normal”, mas mudar a realidade dos que dependem dele para se libertar das amarras impostos pelos detentores do poder. Precisamos urgentemente assumir o papel de sujeitos formadores da História e não apenas de meros coadjuvantes da História. Não podemos considerar que seja uma tarefa fácil, entretanto devemos dar o primeiro passo na direção das mudanças possíveis e viáveis dentro do contexto do ensino remoto.

Sabedores de que é nos momentos de crise que o ser humano se supera e consegue evoluir para um estágio melhor do que o vivenciado no momento anterior à crise, temos que desenvolver uma mentalidade de crescimento para não nos amedrontar com os desafios na área do ensino de Geografia, levando em consideração o contexto brasileiro que, antes da

pandemia, já apresentava muitos problemas, a exemplo das metodologias inadequadas, avaliações mnemônicas, dentre outros.

Desarticulado no sentido de que, muitos professores da área, ao perceber a realidade das salas de aulas nas diversas escolas deste país continental, se entregam ao sistema, e perpetuam o ensino que é norteado por um currículo engessado, descomprometido com a percepção do contexto em que os estudantes estão inseridos e, conseqüentemente, para a formação de sujeitos críticos, reflexivos e prontos para colaborar com a construção de uma sociedade menos injusta socioeconomicamente. Neste sentido concordamos com a fala de Freire (2007, p. 42), quando diz que “ensinar exige tomada consciente de decisões” e que:

[...] a educação, especificidade humana, como um ato de intervenção no mundo. É preciso deixar claro que o conceito de intervenção não está sendo usado com nenhuma restrição semântica. Quando falo em educação como intervenção me refiro tanto à que aspira a mudanças radicais na sociedade, no campo da economia, das relações humanas, da propriedade, do direito ao trabalho, à terra, à educação, à saúde, quanto à que, pelo contrário, reacionariamente pretende imobilizar a História e manter a ordem injusta.

O ensino de Geografia só fará sentido se possibilitar ao estudante a oportunidade de uma formação capaz de lhe atribuir as competências e habilidades para intervir positivamente no mundo, proporcionando mudanças radicais na sociedade, em todos os campos que sejam as matrizes geradoras da melhoria substancial, na qualidade de vida, de todos os membros da sociedade brasileira e, conseqüentemente, faça com que o país desenvolva seus potenciais, para o evidenciar internacionalmente como um dos atores principais na área socioeconômica e geopolítica.

Para que tais mudanças radicais aconteçam, os professores de Geografia, precisam ser mediadores do conhecimento, possibilitando a formação de discentes pesquisadores, capazes de intervir no mundo em que vivem, a partir da percepção do que está acontecendo em seu entorno próximo (escala local) e distante (escala global). Mas, para isso ser possível, é fundamental investimentos por parte do Estado na melhoria contínua da formação inicial e continuada de seus docentes, para que eles possam, não apenas se adequar, mais contribuir com as mudanças que o atual cenário, e o futuro, exigem do Estado, dos professores e dos estudantes.

Enquanto professores comprometidos com um ensino de Geografia de qualidade, nos cabe uma tomada de decisão consciente para que, através de nossa prática docente, estimule os estudantes e, por consequência, o Estado tomarem decisões conscientes para que tenhamos uma educação inovadora na prática e, não apenas, no campo das abstrações. Porque de nada

adiantará ficarmos apenas no campo teórico, isso só perpetuará o descaso para com o sistema educacional brasileiro, porque ainda segundo Freire (2007, p. 43), “ensinar exige saber escutar”, mas também exige saber falar, eficientemente, ou seja, com propriedade para que suas ideias, sugestões e orientações surtam o efeito desejado.

Acreditamos que quando os estudantes assumirem o seu protagonismo e iniciarem, estimulados pelos seus professores, a tomada de decisões conscientes, o panorama do ensino de Geografia, em escala nacional, será bem mais promissor, possibilitando uma compreensão por parte dos discentes da sua importância para o entendimento do que está acontecendo no em torno e para além dos muros da escola. Enquanto docentes comprometidos com o processo de ensino e aprendizagem de qualidade, seja em qual for o cenário e suas circunstâncias, não podemos deixar de acreditar nesta utopia que nos motiva.

Aprofundaremos as discussões sobre a formação protagonista, que possibilita a formação integral de sujeitos autônomos, solidários e competentes, em meio ao ensino remoto nas aulas de Geografia, no próximo tópico, visto que não podemos vislumbrar dias melhores na área do ensino de Geografia, sem colocarmos a disposição dos discentes as ferramentas que lhes possibilitarão o desenvolvimento, das competências e habilidades que os tornarão sujeitos autônomos, solidários e competentes. Aptos a superar os desafios do século XXI e da Vida. Contudo, fica o seguinte questionamento, será que desenvolver o protagonismo é suficiente para superação dos desafios presentes e futuros do século XXI, contribuirão para mudança de paradigmas e, conseqüentemente radicalizar a forma do ensinar e aprender nos séculos vindouros?

2.1.1 Dando protagonismo ao aluno em meio ao ensino remoto: tendências progressistas de ensino e o papel da pesquisa no ensino de Geografia

A formação protagonista não é algo tão simples de se desenvolver, principalmente em estudantes habituados a um modelo de ensino bancário como bem dizia Paulo Freire, tanto para os discentes como para alguns docentes o modelo de aulas discursivas expositivas é muito cômodo, visto que para o professor não requer um esforço maior do que o de dominar os conteúdos e simplesmente repassar através de aulas expositivas e, quanto os alunos ficar em posição passiva sem se esforçar minimamente, ou seja, memorizar os conteúdos para obter boas notas nas avaliações e, iludir-se pensando que uma nota reflete o aprendizado do que realmente importa ele aprender.

Não podemos falar em formação protagonista sem que tenhamos o ensino infantil, fundamenta I e II, ensino médio e superior voltados para o desenvolvimento das habilidades cognitivas e emocionais, inerente a cada fase supracitada. Muito se fala que o jovem deve ser protagonista, contudo, devemos nos questionar, fazendo a seguinte pergunta: esses jovens tiveram todas as condições ou pelo menos as mínimas para desenvolver as competências e habilidades protagonistas? Nós professores fomos capacitados para formar protagonistas?

Podemos acreditar que mais uma vez estamos sendo direcionados para atender a uma demanda do sistema hegemônico, que nos imputa a seguinte condição – você tem de ser um sujeito protagonista – concordo plenamente que temos que ser protagonistas de nossas existências, entretanto, precisamos urgentemente mudar a maneira de ensinar e aprender efetivamente, operacionalmente para não incorrer nos mesmos equívocos cometidos a décadas que só colabora para desarticular o sistema de ensino brasileiro e, conseqüentemente ampliar a exclusão educacional.

Não podemos imaginar uma formação protagonista sem valorização dos sujeitos, sejam eles discentes ou docentes, sem as condições adequadas para ensinar e aprender, respeitando as particularidades de cada sala de aula, de cada estudante, de cada núcleo familiar, de cada professor, de cada comunidade, que está no entorno das instituições de ensino, não podemos continuar cobrando condições mínimas, devemos exigir todas as condições necessárias para que professores e alunos sejam verdadeiros protagonistas de suas existências. Quando o sistema nos cobra uma formação acadêmica de excelência, formação das competências e habilidades para o século XXI, formação das competências e habilidades para a vida também devemos exigir que nossas creches, escolas e universidades tenham uma estrutural física, material e operacional de excelência.

O que fazer e o como fazer para dar protagonismo aos estudantes em meio ao ensino remoto, temos vários escritos de especialistas (artigos) que nos apontam os caminhos, contudo, nós professores temos que traçar estratégias exequíveis para concretizar efetivamente a formação protagonista de nossos alunos, para tanto, precisamos ser professores pesquisadores e o campo de pesquisa mais fértil que dispomos são as várias salas de aula que estão sob nossa responsabilidade.

Entretanto, se faz necessário refletir sobre as condições operacionais que professores e alunos estão tendo, em meio ao ensino remoto, para o efetivo desenvolvimento das habilidades protagonistas, antes de pensar em desenvolver a formação das habilidades protagonistas de alunos e professores, precisamos averiguar se esses atores estão estimulados e/ou desmotivados devido as poucas condições de trabalho.

Dá significado ao transformar ensino em aprendizagem na sala de aula online, bem como nos demais canais de comunicação com o aluno, torna-se essencial para a coleta de dados e elaboração de hipótese de solução para os problemas identificados através da observação/investigação da realidade pessoal, social, acadêmica e emocional de cada aluno por meio de diálogos francos e abertos que só são possíveis quando existe uma boa relação professor/aluno, porque entendemos que.

Pesquisa significa compreender o mundo, mediante respostas que construímos sobre esse mesmo mundo. Essas respostas são expressão da interação entre sujeitos e objetos. Pesquisar pressupõe conhecer o outro – o outro sujeito, o outro objeto. O ato de pesquisar é um ato de conhecimento; portanto, é parte do processo de educação, ou seja, “consiste em aceitar e respeitar o outro desde a aceitação e respeito de si mesmo” (SUERTEGARAY, 2002, p. 111).

Para conhecer o outro pressupõe manter laços de confiança, do contrário, inviabiliza tal conhecimento, aceitar e respeitar o jeito de ser do outro são pré-requisitos indispensáveis para conquistar sua confiança e, sem essa confiança mútua, não temos como desenvolver uma pesquisa que nos traga subsídios que dê o norteamento de qual caminho seguir no processo de ensino e aprendizagem, que nos possibilite trilhar a estrada da formação protagonista e, conseqüentemente, dá a opção de ser protagonista aos jovens em meio ao ensino remoto.

Outro ponto fundamental de análise é a adequação das tecnologias da educação e das metodologias ativas ao ensino remoto. Sabedores das particularidades existentes de cada sala de aula, não podemos continuar cometendo o equívoco da padronização, daí a importância da coleta de dados consistentes sobre os potenciais e limitações de cada indivíduo e, testar hipóteses de solução para sanar, não apenas o déficit de aprendizagens, mas para aprofundar e ampliar seus potenciais.

Conforme o que foi exposto, não temos como desvincular a introdução de metodologias de ensino ao conhecimento das realidades dos discentes e, a ousadia e a perseverança, para testar até encontrar a metodologia que se adeque a cada individualidade presente na sala de aula, sendo assim não podemos desconsiderar a importância da pesquisa e da sala de aula como o laboratório ideal para realização deste instrumento que, a cada dia, ganha relevância para avaliar a efetiva aprendizagem dos estudantes no meio remoto, neste sentido podemos compreender que:

[...] desenvolver o pensamento espacial, estimulando o raciocínio geográfico para representar e interpretar o mundo em permanente transformação e relacionando componentes da sociedade e da natureza. Para tanto, é necessário assegurar a apropriação de conceitos para o domínio do conhecimento fático (com destaque para

os acontecimentos que podem ser observados e localizados no tempo e no espaço) e para o exercício da cidadania (BNCC, 2018, p. 358).

A formação cidadã está atrelada ao protagonismo que só será viabilizado através do desenvolvimento da criticidade. Tais habilidades têm de ser desenvolvidas ao longo da vida acadêmica dos estudantes e, não, concentradas em uma faixa-etária isoladamente, visto que a sociedade pós-moderna é caracterizada por mudanças rápidas e constantes, tendo exigido aos seus membros o desenvolvimento de uma formação integral que lhes possibilite o acompanhamento de tais transformações em todos os setores produtivos da sociedade.

Tal formação cidadã e protagonista, só terão validade, se contemplar todos os membros da sociedade que aceitem a desenvolver e colocar em prática os conhecimentos adquiridos, em prol da formação, de um novo tempo que tenha o Homem como centro do mundo. Esses sujeitos têm de libertar-se da doutrinação das ideologias dominantes, e colocar em prática ideologias que tornem a sociedade mais justa socioeconomicamente para todos e, que possibilite uma educação de qualidade e libertadora.

Com efeito, essa mudança não é simples de ser efetivada, posto que toda metodologia de ensino e de aprendizagem parte de uma concepção de como o sujeito aprende. Dessa forma, cada um, no seu percurso formativo, quer como estudante, quer como professor ou professora, age em consonância com as concepções de educação e de aprendizagem que possui. Portanto, faz-se necessário trazê-las à reflexão como possibilidade de ressignificação da prática docente (DIESEL, BALDEZ, MARTINS, 2017, p. 271).

A fala dos autores evidencia a significância da pesquisa como fonte do conhecimento de como os sujeitos aprendem para, só então, introduzir a metodologia de ensino que pretenda potencializar a aprendizagem. Deixando claro que nunca foi e, jamais será simples a efetivação de mudanças no seio da sociedade, que visem transformar ensino em aprendizagem, sendo o docente instigado a ressignificar sua prática e, os discentes a saírem da passividade.

Conforme o que já foi discutido, não podemos desvincular a efetivação da aprendizagem que levará os jovens a formação das habilidades protagonistas, a ressignificação da prática docente que passa, indiscutivelmente, pela formação de professores pesquisadores e, conseqüentemente, atores principais de suas existências e, que são plenamente cientes, de seu, papel social. Desta forma, podemos considerar que, ainda conforme Diesel, Baldez e Martins (2017, p. 273):

São incontestáveis as mudanças sociais registradas nas últimas décadas e, como tal, a escola e o modelo educacional vivem um momento de adaptação frente a essas mudanças. Assim, as pessoas e, em especial, os estudantes, não ficam mais restritos a um mesmo lugar. São agora globais, vivem conectados e imersos em uma quantidade significativa de informações que se transformam continuamente, onde grande parte delas, relaciona-se à forma de como eles estão no mundo. Esse movimento dinâmico traz à tona a discussão acerca do papel do estudante nos processos de ensino e de aprendizagem, com ênfase na sua posição mais central e menos secundária de mero expectador dos conteúdos que lhe são apresentados.

Não temos mais espaço em nossas escolas para o modelo conteudista, que prioriza o ensino de conteúdo, muitas vezes, totalmente desvinculados do que realmente importa ao aluno aprender, por outro lado, a simples introdução de metodologias tidas como inovadoras, acompanhadas pelas tecnologias da educação, sem ter o conhecimento da realidade dos estudantes, não irá contribuir em nada para formação protagonista dos educandos.

A Geografia, enquanto disciplina escolar, tem o dever de revelar a verdadeira face da sociedade, contribuindo para a formação protagonista e cidadã e o professor de Geografia não pode fugir do cumprimento de seu papel de educador que, através da sua prática docente, tem a responsabilidade em fazer valer o papel da Geografia escolar nos diversos recantos deste país continental. Não acredito que o resultado deste trabalho árduo dê os frutos desejados, a curto prazo, visto que quando se fala em educação de qualidade e mudanças metodológicas, replanejar as estratégias e recolocá-las em ação para atingir os alvos que possibilitarão a médio e longo prazos alcançarmos o objetivo desejado, é, essencial.

Ainda temos um longo e árduo caminho a percorrer na direção da efetivação do protagonismo juvenil e docente em meio ao ensino remoto e porque não dizer, pós-pandemia com o ensino híbrido e o retorno do ensino presencial, se retornarmos para o ensino totalmente presencial. Uma conclusão já podemos revelar, o sistema de educação brasileiro nas esferas federal, estadual e municipal, não está preparado para efetivar um ensino remoto de qualidade, nem tão pouco um ensino híbrido, o que só vem ampliando a exclusão na área da educação, porque todos têm direito, mas a maioria não tem acesso ao ensino remoto e, muito provavelmente, isso se estenderá ao ensino híbrido que será o modelo adotado no plano de retomada das aulas presenciais.

Ademais, a ausência de condições instrumentais e operacionais para que os estudantes tenham acesso ao ensino remoto de qualidade e um possível ensino híbrido, provocará um retrocesso ainda não calculado, até porque não temos noção de como calcular tal retrocesso para a educação brasileira. Cabendo a nós professores tentarmos minimizar esse retrocesso, através dos dados fornecidos pelas pesquisas realizadas neste período de ensino remoto, dentro das aulas virtuais de Geografia e dos demais canais de comunicação com nossos

alunos, que podem nos disponibilizar as informações, capazes de nortear nossa prática docente, no sentido de estimular a formação protagonista dos estudantes que, mesmo com todas as dificuldades, estão tendo acesso ao ensino remoto.

3 METODOLOGIA

Refletindo sobre qual seria o atual papel de professores e estudantes nas aulas remotas de Geografia, percebeu-se a significância de diagnosticar os diversos pontos passíveis de correção e melhoria, que norteasse possíveis caminhos para efetivar, mesmo num cenário tão desfavorável, a transformação de ensino em aprendizagem, visto que não podemos deixar de destacar que ensino, nem sempre é sinônimo de aprendizagem, principalmente quando levamos em consideração o perfil do estudante do século XXI.

Dialogando com os alunos e demais professores das demais áreas do conhecimento, identificamos a importância de colocar em prática estratégias que visem estimular os discentes e, porque não dizer os próprios professores, a continuar estudando e lecionando no meio remoto. Tais diálogos evidenciaram a urgência em buscarmos ajuda para auxiliar os atores supracitados, superarem além das escassas condições de trabalho, a excessiva exigência de manter um modelo industrial produtivista, como se quantidade fosse sinônimo de qualidade, quando nos referimos ao desenvolvimento efetivo do processo ensino e aprendizagem.

A aplicação de questionário ao final das aulas foi outra maneira de levantamento dos dados para subsidiar a testagem de hipóteses de solução, que pudessem minimizar a desmotivação dos alunos em continuar estudando, dentre as alternativas que objetivavam atenuar as consequências do desestímulo para a vida dos alunos, fomos testando a utilização da sala de aula invertida e adaptada a realidade de aulas virtuais, para instigar a formação de estudantes pesquisadores, bem como a utilização das tecnologias da educação.

Contudo, percebemos que as poucas condições disponíveis por parte dos alunos em termos de equipamentos e a qualidade do sinal de internet que dispunham, inviabilizava a execução de muitas atividades para a maioria dos estudantes, nos revelando dados ainda mais preocupantes. A busca incessante por metodologias de ensino adaptáveis ao meio remoto e as reais condições de acesso dos discentes ao ensino remoto, é, sem dúvidas a única possibilidade que os professores de Geografia têm para tentar amenizar a exclusão educacional na sua área de atuação.

Não vislumbro outro caminho a ser percorrido enquanto perdurar o ensino remoto, que não seja, a permanente manutenção de diálogos francos e abertos entre professores e alunos de Geografia, visando identificar quais são as reais condições, primeiro emocionais, e segundo, instrumentais para efetivarmos ensino em aprendizagem, ou seja, saber o que realmente importa cada um de nossos estudantes aprender, para só após essa análise minuciosa, desenvolver algo significativo para o futuro da sociedade do século XXI.

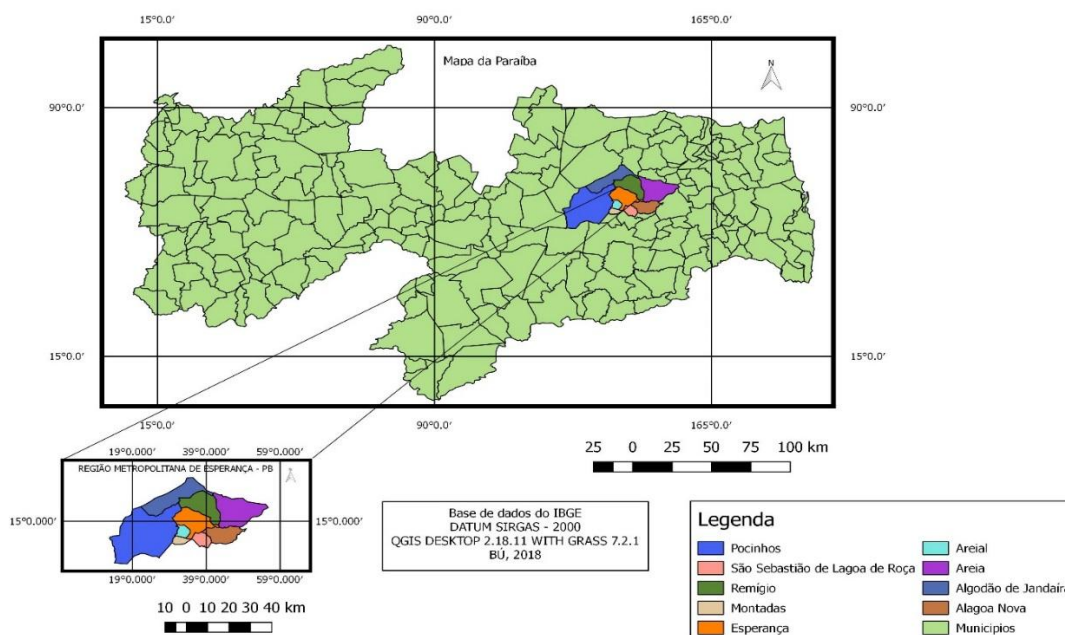
Acredito está apenas no início de uma longa jornada, que, infelizmente, podemos considerar um tanto quanto solitária, pelo menos a priori, entretanto não podemos nos desmotivar; é preciso continuar executando o nosso papel social enquanto educadores comprometidos com uma causa bem maior. Neste sentido, temos que continuar utilizando os conhecimentos fornecidos pela MP (Metodologia da Problematização) para, a partir da realidade de cada sala de aula online, de cada indivíduo presente e/ou ausente (alunos que fazem apenas atividades impressas) ir identificando os problemas, levantando pontos-chaves, teorizando e elaborando hipóteses de solução para serem colocadas em prática.

A utilização da metodologia da problematização tem nos auxiliado na identificação dos problemas em nossas salas de aula online e, na plataforma *classroom* para continuarmos testando hipóteses de solução que contribuam positivamente para a solução dos problemas identificados no processo de ensino e efetivação da aprendizagem no meio remoto. Sendo pertinente ressaltar que tal metodologia requer a execução de reavaliações constantes, como forma de minimizar os equívocos, além de uma formação continuada na área de tecnologia da educação e da educação emocional.

Como estamos efetivamente dentro de nosso campo e laboratório de estudos (salas de aulas online), temos a oportunidade ímpar de, através do desenvolvimento de diálogos francos e abertos com nossos estudantes, ou seja, a manutenção da boa relação professor/aluno indispensável para esse tipo de pesquisa, coletar dados confiáveis “em tempo real” a cada dia, mês ou bimestre que nos apontarão que caminho trilhar com mais segurança. No atual cenário pandêmico que nos forçou a ministrar aulas e estudar de forma virtual, através do ensino remoto, a pesquisa permanente do supracitado cenário nos revela a urgência da mudança de paradigmas no processo de ensino e efetivação da aprendizagem.

3.1 Localização e caracterização do espaço da pesquisa

Figura 1: Mapa de Localização do Município de Esperança – PB e sua Região Metropolitana (RME).



Fonte: DO BÚ, 2018.

A ECIT Monsenhor José da Silva Coutinho, localizada na Rua Floriano Peixoto, s/n, no Município de Esperança – PB, Região Metropolitana de Esperança – PB, possui atualmente 312 (trezentos e doze) discentes com matrícula ativa, sendo que em torno de 25,6% destes residem nos distritos e zona rural do município e, os 74,3% restantes residem nos bairros centrais e periféricos de Esperança e demais municípios de sua Região Metropolitana.

Desde sua construção, a escola já passou por duas grandes reformas em sua estrutura física para atender a demanda da comunidade escolar, sendo a primeira reforma em 2004 quando, com recursos do tesouro estadual, foram construídas novas salas de aula, que possibilitaram o aumento na oferta de vagas, salas onde foram instalados os laboratórios de informática, química, física e biologia, sala de vídeo, espaços destinados à secretaria, biblioteca, cantina, almoxarifado, banheiros, diretoria, vice-diretoria, sala de professores, auditório, jardins, pátio para recreação e estacionamento.

A segunda reforma se deu no ano de 2017; na oportunidade, o madeiramento e as telhas foram totalmente substituídos, revisados e atualizados o sistema elétrico e hidráulico, além de uma pintura geral e construção de um ginásio poliesportivo. A última reforma objetivou dotar a escola de melhores condições para implantação do ensino em tempo integral a partir do ano de 2018. Um ponto pertinente de destaque é a redução do número de alunos

desde a introdução do ensino integral, em 2014 tínhamos em torno de 854 alunos matriculados nas modalidades ensino médio regular e EJA, atualmente temos 312 alunos matriculados na modalidade ensino médio técnico profissionalizante, sendo ofertados os cursos de contabilidade e manutenção e suporte em informática.

Mesmo com as adequações para a oferta do ensino em tempo integral, a instituição ainda não atende as demandas de uma escola neste regime de ensino, visto que não dispõe de vestiários masculino e feminino para que os estudantes tomem banho após as atividades desenvolvidas nas aulas de educação física, por exemplo. O refeitório foi improvisado no auditório, portanto não podemos dizer que é o espaço mais adequado para instalação do supracitado equipamento, porque sempre que temos algum evento na escola as mesas do refeitório improvisado têm de ser encostadas no canto para dá espaço a atividade desenvolvida no auditório.

Os laboratórios de química, física, biologia e informática são bem equipados e disponibilizam de excelentes equipamentos para o desenvolvimento das aulas práticas, contudo o espaço físico dos supracitados equipamentos não comportar uma turma de 30 alunos o que causa muitos transtornos aos professores e estudantes na hora de utilizá-los, devido ter que dividir as turmas para ministração das aulas práticas. Portanto podemos considerar que temos as condições mínimas para funcionamento de uma escola em tempo integral, mas como já citado anteriormente, não, podemos nos satisfazer como condições mínimas, antes temos de cobrar as condições necessárias, visto que nos cobram um ensino de excelência.

Outro ponto que merece destaque, é, o fato de o sinal de internet não contemplar as necessidades de professores e estudantes e, em pleno século XXI este é sem dúvida um serviço que deve ser de excelência para atender as demandas do ensinar e do aprender. Conforme o que foi apresentado podemos considerar que a ECIT Monsenhor José da Silva Coutinho tem as condições mínimas para ofertar a sua comunidade discente e docente o suporte para o desenvolvimento de um bom trabalho, mas não podemos nos satisfazer com o mínimo temos que lutar pelas condições necessárias. O que vem fazendo a escola se destacar é, sem dúvida, o seu capital humano de excelência.

3.1.1 Método

O método utilizado foi o dialético, devido termos que desenvolver a análise entre as potencialidades do ensino remoto e, as limitações técnicas de professores, estudantes e,

porque não dizer, das próprias instituições de ensino. Percebemos nitidamente o alargamento da exclusão dos estudantes, que não têm acesso as tecnologias que lhes possibilitam o acesso as aulas online e as plataformas, onde são postadas as atividades, tais discentes, são obrigados a buscar o autodidatismo, por meio de atividades impressas.

Mesmo os alunos que têm acesso as plataformas e as aulas online, na sua grande maioria, não dispõem dos recursos tecnológicos adequados para o desenvolvimento de sua aprendizagem de maneira efetiva. A ausência de tais recursos tecnológicos é o principal fator de desmotivação para prosseguir com os estudos em meio remoto, causando um alto índice de abandono, evidenciado pela baixa frequência nas aulas online e as poucas atividades entregues na plataforma.

3.1.2 Técnicas de pesquisa

O primeiro passo para o desenvolvimento da pesquisa foi dado na direção da obtenção de um diagnóstico, confiável, sobre a real situação de professores e alunos desde a introdução do ensino remoto até o presente momento. Os dados foram coletados através da manutenção de diálogos com discentes e docentes, aplicação de mini questionários, com perguntas objetivas e discursivas, antes e após as aulas utilizando as ferramentas: *Google Forms*, *Padlat* e *Mentimeter*, onde os estudantes expressavam seus pontos de vista sobre o ensino remoto e as aulas de Geografia e davam sugestões para melhorarmos nossa prática docente.

Sendo os diálogos, durante as aulas online e, via *whatsapp* nos plantões pedagógicos individualizados, com os discentes a forma que nos proporcionou a obtenção dos melhores dados para escrita do material, visto que os alunos apresentavam, sem receio, suas inquietações sobre o efetivo processo de aprendizagem em meio remoto. Portanto podemos considerar conforme o exposto que a melhor maneira para obtenção de um diagnóstico confiável é através da manutenção de uma boa relação professor/aluno, ou seja, a confiança mútua entre tais atores faz toda a diferença no processo ensino e aprendizagem de excelência.

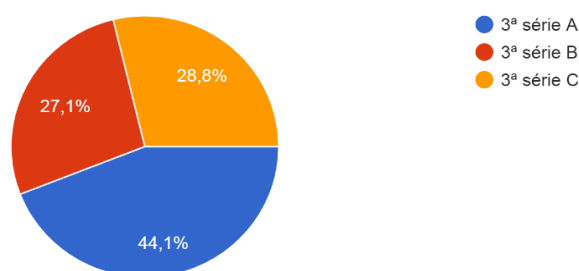
A revisão bibliográfica, sem dúvida, nos trouxe novos conhecimentos sobre a realidade de professores e alunos em meio ao ensino remoto. Tal revisão, além, de nos possibilitar a aquisição de novos saberes, nos, confirmou alguns conceitos que tínhamos construído ao longo do desenvolvimento da pesquisa, fazendo com que, tivéssemos a comprovação de que a realidade presenciada na ECIT Monsenhor José da Silva Coutinho, não, difere de outras realidades, citadas em artigos, que relatam a verdadeira face do ensino remoto nas demais regiões brasileiras, em especial, o ensino de Geografia.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Autoavaliação dos estudantes e do componente curricular de Geografia: Turma/Série 3ª A, B e C

No gráfico a seguir será realizada a análise sobre o número total de estudantes que responderam o questionário de autoavaliação referente ao segundo bimestre do corrente ano letivo, além do percentual de respostas por turma.

Figura 2: Número total de estudantes que responderam o questionário da autoavaliação e, o percentual de respostas por turma/série.

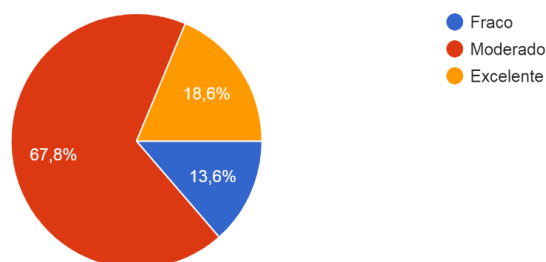


Fonte: DO BÚ, 2021. Dados coletados via *Google forms*.

Conforme o exposto no gráfico da figura 2, podemos considerar um maior engajamento dos discentes da 3ª série A com 44,1%, seguidos pela 3ª série C com 28,8% e a 3ª série B, com 27,1%, este nível de engajamento é perceptível, não apenas quando da solicitação da autoavaliação bimestral dos estudantes e do componente curricular de Geografia, mas durante as aulas virtuais, via *google meet* e o atendimento individualizado, via *whatsapp*, bem como quando da devolutiva das atividades postadas no *classroom* e das atividades impressas.

Tais observações são pertinentes porque interferem direta e indiretamente no processo de ensino e aprendizagem, pois, os alunos que assistem as aulas virtuais têm um melhor acompanhamento por parte do professor, que tem como melhor avaliar o desenvolvimento individualizado e coletivo da turma, possibilitando colocar em prática metodologias mais adequadas para efetivar o processo de aprendizagem de seus alunos e diminuir as perdas referentes a aprendizagem no meio remoto.

Figura 3: Nível de dedicação e empenho dos estudantes das, 3ª série A, B e C nas aulas online durante o 2º bimestre – 19 de maio a 9 de agosto de 2021.

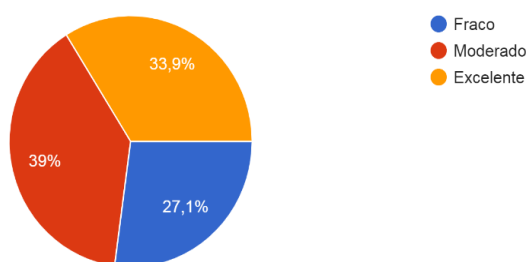


Fonte: DO BÚ, 2021. Dados coletados via Google forms.

O nível de dedicação e empenho dos estudantes foi analisado a partir das respostas contidas no *forms*, sendo que dos 71 (setenta e um) discentes matriculados regularmente nas supracitadas turmas, apenas 42,25% estão assistindo as aulas virtuais e, fazendo as atividades na plataforma, enquanto 57,75% estão apenas fazendo as atividades na Plataforma *Google Classroom*. Tais dados nos revelam o fortalecimento do autodidatismo, visto que os alunos que estão apenas realizando as atividades via plataforma, não têm um acompanhamento mais efetivo devido à ausência dos recursos tecnológicos e instrumentais que possibilitam um melhor monitoramento por parte do professor.

O monitoramento é realizado através da correção das atividades e do *feedback* dado pelo professor quando da devolutiva da atividade, o que, julgamos ser insuficiente devido, muitas vezes, os alunos nem visualizarem tal retorno, ficarem só preocupados com a nota no fim do bimestre. Outro ponto pertinente de observação é que dos 57,75% ainda temos entorno de 5, 63% realizando apenas atividades impressas, entre estes, o autodidatismo é ainda mais presente, devido a impossibilidade da efetivação do atendimento mais eficaz do professor.

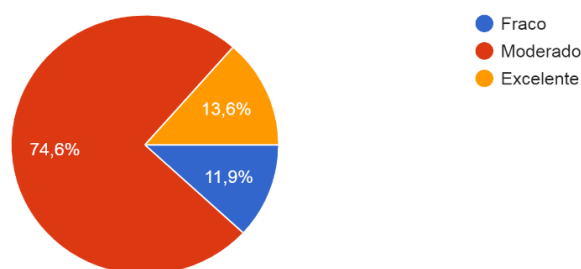
Figura 4: Nível de frequência das turmas da 3ª série A, B e C, nas aulas online via google meet.



Fonte: DO BÚ, 2021. Dados coletados via Google forms.

A partir dos dados contidos no gráfico da figura 4, nota-se um percentual elevado de alunos que não estão assistindo as aulas via *google meet*, visto que dos 27,1% assistem as aulas esporadicamente, 39% têm uma frequência considerada mediana e apenas 33,9% assistem todas as aulas. As informações presentes no gráfico da figura 5, só reforça o alargamento do fosso entre os estudantes que estão, dentro das condições que têm, efetivando sua aprendizagem e os que, mesmo tendo acesso as aulas, continuam “desamparados”. No próximo gráfico, iremos analisar o nível de compreensão do objeto de aprendizagem nas aulas de Geografia.

Figura 5: Consigo manter, o mesmo nível, de aprendizagem nas aulas online, que tinha nas aulas presenciais de Geografia.

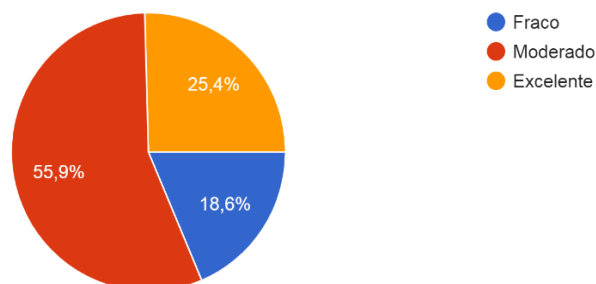


Fonte: DO BÚ, 2021. Dados coletados via *Google forms*.

As informações da figura 5 nos sugere que 74,6% dos estudantes, mesmo com todas as limitações impostas pela ausência dos recursos tecnológicos necessários, estão, se adaptando ao modelo de ensino remoto e, 13,6% conseguiram se adequar ao supracitado modelo, enquanto 11,9% ainda têm muita dificuldade para se adaptar ao modelo. O percentual dos estudantes que têm dificuldades de adaptação se amplia quando levamos em consideração os discentes que só têm acesso as atividades postadas na plataforma e os que recebem apenas atividades impressas.

Os dados apresentados nos inquietam, devido, percebemos o percentual considerável de alunos que estão tendo seu direito a educação usurpado, pelo fato de não disponibilizar dos recursos tecnológicos capazes de lhes proporcionar uma maior equidade, visto que não basta condições mínimas, temos que ter as condições necessárias para efetivação da aprendizagem de nossos jovens.

Figura 6: Análise do nível de interesse dos conteúdos ministrados e sua relação com o cotidiano dos estudantes



Fonte: DO BÚ, 2021. Dados coletados via Google forms.

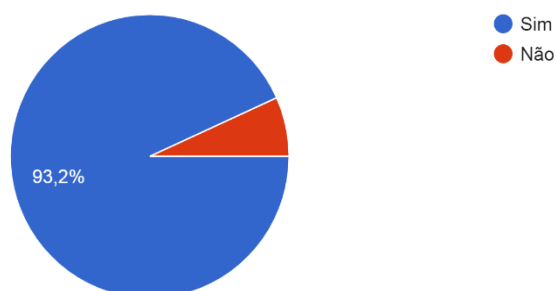
De acordo com os dados apresentados no gráfico acima, podemos considerar que apenas 55,9% dos estudantes apresentam interesse modelado (considerado bom) pelos conteúdos ministrados nas aulas online de Geografia, enquanto 25,4% apresentam um alto interesse por tais conteúdos e 18,6% têm um baixo interesse pelos conteúdos ministrados nas aulas de Geografia. Tais informações sugerem que o professor deve realizar uma autoavaliação constante de sua prática pedagógica para despertar um maior interesse dos alunos em suas aulas.

A introdução de metodologias ativas adaptáveis ao meio remoto, pode ser uma das alternativas que, viabilize um maior engajamento e, conseqüentemente interesse pelos conteúdos de Geografia. A montagem de um currículo flexível que proporcione a percepção, por parte dos estudantes, da sua utilidade para a sua vida acadêmica, pessoal, social e profissional, pode ser, uma alternativa, viável para atrair a atenção e o interesse destes atores. Portanto a partir das supracitadas colocações, a sala de aula online, deve ser, vista, como um campo e laboratório de pesquisa permanente, para que o professor visualize cotidianamente soluções para transformar ensino em aprendizagem útil durante a árdua tarefa da formação de verdadeiros protagonistas de suas existências.

De forma global, podemos considerar os números apresentados na figura 07 satisfatórios, se, levarmos em consideração todos os fatores adversos que vêm dificultando o processo do ensinar e aprender Geografia em meio ao ensino remoto, contudo não podemos nos acomodar, pois, o percentual de alunos “desinteressados”, ainda está elevado e precisa urgentemente ser reduzido. Tendo a Geografia um papel fundamental na formação cidadã de sujeitos que desenvolvam suas habilidades críticas reflexivas, não pode se satisfazer com o mínimo, tem de buscar o máximo.

4.1.1 Apoio da família, pedagógico e institucional

Figura 7: Análise do apoio da família

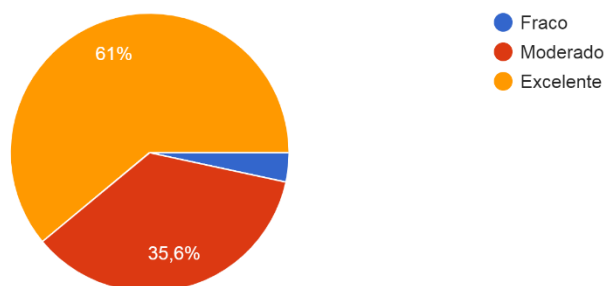


Fonte: DO BÚ, 2021. Dados coletados via *Google forms*.

Um fator de suma importância para manter a motivação dos estudantes em sua jornada acadêmica, é, sem dúvida, o apoio de seus familiares e, os dados apresentados na figura 7 nos deixa bastante otimistas, devido ao excelente percentual de 93,2% dos estudantes revelarem que têm essa extraordinária força moral advinda de seu núcleo familiar. As informações contidas, no gráfico, são comprovadas, através do interesse externado pelos pais, quando das reuniões, que mesmo de forma remota continuam sendo prestigiadas pelos familiares dos estudantes.

Tais informações evidenciam a importância da manutenção de uma parceria harmônica entre escola/família/estudantes, nos proporcionando a sensação de que estamos no caminho certo enquanto instituição que desponta entre as melhores da rede de ensino estadual, fato que será, melhor, evidenciado na sequência da apresentação dos resultados e discussões da pesquisa.

No gráfico a seguir analisaremos a percepção dos discentes no que se refere ao apoio da instituição ao longo do período pandêmico no contexto do ensino remoto e todas suas nuances, que demandaram um maior esforço de toda equipe gestora e docente para suprir as dificuldades dos estudantes quando de sua adaptação ao modelo de ensino vigente na atualidade.

Figura 8: Análise do apoio da instituição escolar

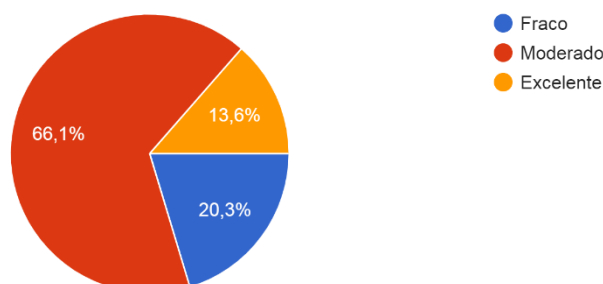
Fonte: DO BÚ, 2021. Dados coletados via *Google forms*.

Os dados apresentados no gráfico da figura 8, nos revelam que 61% dos discentes consideram que a instituição tem cumprido seu papel de maneira muito satisfatória, enquanto 35,6% percebem o empenho da escola em dar todas as condições necessárias para a realização das atividades neste período de ensino remoto e, apenas 3,4% entende que a instituição não atende as demandas da comunidade estudantil.

De acordo com as informações contidas no gráfico, a ECIT Monsenhor José da Silva Coutinho, mesmo com todas as dificuldades vem desempenhando um bom papel no sentido de disponibilizar ao seu corpo discente todas as condições necessárias para a continuação do efetivo processo de ensino e aprendizagem durante a pandemia. Tais informações só vem comprovar que, mesmo num cenário adverso, temos como continuar ofertando um ensino de qualidade e, dando aos nossos alunos a oportunidade de se preparar para concretização de seu Projeto de Vida.

Se o modelo pedagógico tem como centro o Jovem e seu Projeto de Vida, os dados apresentados acima, nos revela a importância do fortalecimento da boa relação entre estudantes/escola/família, como forma de enfrentar os desafios de frente e unidos por um único objetivo que, é sem dúvida a melhoria continua do processo de ensino e aprendizagem, buscando cotidianamente, mesmo em meio remoto, aprimorar esse processo e transformar ensino em aprendizagem. Quando a comunidade estudantil se mostra satisfeita com o bom serviço prestado pela escola e, seus atores, torna-se menos difícil a pavimentação do caminho que conduzirá os discentes ao lugar onde almejam chegar e desenvolver o protagonismo de suas existências, contribuindo para uma sociedade mais justa socioeconomicamente para todos os seus membros.

Figura 9: Autoavaliação dos discentes em relação ao seu desempenho nas aulas online, durante o 2º bimestre



Fonte: DO BÚ, 2021. Dados coletados via *Google forms*.

No gráfico da figura 9, tivemos como objetivo desenvolver o senso de responsabilidade e protagonismo dos estudantes para que fizessem uma autoavaliação do seu desempenho (aprendizado) ao longo do supracitado bimestre, não nos surpreendeu o percentual de 66,1% ter considerado seu desempenho moderado e, apenas 13,6% dizer que tem um aprendizado considerado excelente, enquanto 20,3% se considerar abaixo da média. Tais informações nos revela o alto grau de dificuldades dos estudantes, quando são instigados a sair de um papel passivo e assumir, o perfil de aluno, pesquisador que busca o desenvolvimento da autonomia, solidariedade e competência.

O desenvolvimento das habilidades de um verdadeiro protagonista de sua existência, nunca foi e jamais será algo que se alcance do dia para a noite, antes se faz necessário a colocação em prática de metodologias ativas que desperte tais competências e habilidades e, o docente também deve assumir o perfil de pesquisador e esperar, mesmo com todos os desafios, o atingimento do objetivo de tentar “tirar” seu aluno da passividade e colocá-lo em plena atividade.

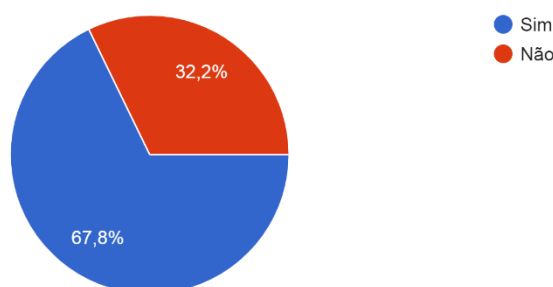
Quando foi perguntado aos estudantes – As aulas de Geografia estão contribuindo para sua formação crítica? Justifique sua resposta – E a grande maioria respondeu que sim porque – As aulas são bem dinâmicas e conseguimos expressar nossa opinião sobre determinado assunto, além de ajudar na formação do meu pensamento crítico sobre a sociedade. Nos proporciona o sentimento de que estamos no caminho certo e, que só nos, motiva para continuarmos revisando cotidianamente nossas práticas pedagógicas objetivando desenvolver em nossos discentes, a sede pela construção do conhecimento que lhes será útil para sua formação acadêmica de excelência, formação das competências e habilidades para o século XXI, formação para a vida e, conseqüentemente para sua formação cidadã.

Na próxima sessão discutiremos sobre alguns gargalos tecnológicos que, em pleno século XXI, vêm dificultando o pleno direito a educação, direito este que, já era dificultado antes do período pandêmico e que a pandemia, só, veio revelar a “face cruel” do sistema educacional que se apresenta, mesmo no âmbito de instituições tidas como modelo, visto que tais entraves, não, podem deixar de serem desvelados como forma de buscarmos uma solução para o problema e, não, apenas ficarmos apontando culpados.

4.1.2 Em pleno século XXI, infelizmente, nem todos têm acesso à tecnologia de ponta

No gráfico a seguir analisaremos alguns obstáculos impostos aos estudantes que não têm acesso aos objetos tecnológicos, que lhes proporcionaria as condições necessárias para dar prosseguimento, aos seus estudos em meio remoto. Falamos em condições necessárias, porque quando se fala em educação de qualidade, não podemos nos contentar com condições mínimas, antes temos de cobrar as melhores, visto que se pretendemos assumir o perfil protagonista precisamos ter os meios para alcançarmos tal fim.

Figura 10: Equipamentos e conectividade adequados para a efetivação da aprendizagem, durante o ensino remoto.



Fonte: DO BÚ, 2021. Dados coletados via *Google forms*.

Apesar de 67,8% dos alunos considerarem que os equipamentos e a conectividade são compatíveis para que eles assistam as aulas virtuais e realizem as atividades na plataforma, não podemos deixar passar despercebido os 32,2% dos estudantes que não têm as condições necessárias para dar continuidade aos seus estudos em meio remoto. O percentual dos discentes excluídos se amplia quando levamos em conta os 16,9% dos que não responderam o questionário, por ‘n’ motivos, que podemos colocar entre o principal a ausência quase que total dos equipamentos e conectividade compatíveis para assistir suas aulas de segunda a sexta das 7h 50 às 12h 10.

Mesmo dentre os que apontam ter equipamentos e conectividade ideal para prosseguir estudando no ensino remoto, fazemos um seguinte questionamento: Séria o celular o aparelho mais adequado para o acompanhamento das aulas online? E para realização das atividades na plataforma? Acredito que não, infelizmente as precárias condições de acesso ao ensino remoto da maioria dos estudantes, vem desestimulando e, sendo um dos principais fatores, que está provocando a evasão escolar e, conseqüentemente, o alargamento do fosso da exclusão educacional.

Quando analisamos os dados apresentados nesta pesquisa, conseguimos perceber o desequilíbrio socioeconômico presente no âmbito escolar, nos deixando, ainda mais preocupados com as perspectivas referentes ao distanciamento educacional entre os que têm e, os que não têm, os equipamentos e conectividade adequados para dar continuidade aos seus estudos no sistema de ensino remoto. Infelizmente, a tela da sala de aula online nos revela o aprofundamento das desigualdades.

Portanto, só nos resta, continuarmos perseverantes, resilientes e pesquisando para, não, apontar culpados, porque não adianta, mas buscar soluções para os problemas identificados, bem como ressignificando nossa prática docente para estimular os estudantes a ressignificar sua prática discente e transformar pedras em castelos, desafios em estímulo, sonhos em realidade para, através do desenvolvimento das competências e habilidades protagonistas, construir uma sociedade mais justa para todos os seus membros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se pretende com essa pesquisa apontar culpados, nem tampouco soluções para os diversos gargalos identificados no âmbito da sala de aula virtual durante as aulas de Geografia, visto que não existe receita de bolo quando o tema é educação, devido estarmos trabalhando com seres humanos em suas múltiplas incertezas, inseguranças, medos e limitações advindas de suas experiências ao longo da vida acadêmica. Podemos dizer que apontamos possíveis caminhos a serem trilhados para amenizar as dificuldades vivenciadas durante a nossa jornada enquanto docentes e discentes, que vislumbram na educação a oportunidade de atingir seus alvos, ou seja, o seu Projeto de Vida³.

³ Projeto de Vida é uma disciplina da base diversificada ministrada nas Escolas Cidadãs Integrais e Cidadãs Integrais Técnicas da Paraíba que têm como Centro do Modelo Pedagógico: O Jovem e seu Projeto de Vida, alinhado aos seguintes eixos: Formação acadêmica de excelência; Formação das competências e habilidades para o século XXI e Formação para a vida. O principal objetivo da disciplina de Projeto de Vida é orientar os estudantes, no como, concretizar os seus sonhos, sejam eles quais forem.

Dentre os possíveis caminhos a serem percorridos, podemos apontar o caminho da pesquisa, pois em nosso entendimento, professores e alunos, precisam buscar, através da pesquisa, os dados que, após tratados, lhes proporcionem obter as informações necessárias para a construção de novos saberes, a partir de seus saberes prévios e das diversas teorias já construídas por outros pesquisadores, porque não podemos nos contentar com o que está pronto, já que tudo pode se modificar de acordo com os cenários e particularidades de cada indivíduo ou de cada conjunto de sujeitos que formam uma sala de aula virtual, principalmente, no atual contexto pandêmico, onde todos os atores envolvidos nesta cena tiveram de ressignificar suas práticas docentes e discentes para poder tentar se adaptar a este tido como “novo normal”.

Torna-se pertinente observar que muitos dos desafios não se colocaram no âmbito do sistema educacional brasileiro e, da ECIT Monsenhor José da Silva Coutinho agora durante a pandemia, já estavam postos, mas infelizmente camuflados e, com o advento da pandemia, se revelaram como se fossem algo trazido pelo caos provocado pela pandemia do covid-19. Entretanto, podemos observar que o período pandêmico apenas descortinou o problema, por isso a importância do professor pesquisador, que instigue os seus alunos a enveredarem pelo difícil trajeto da pesquisa para que percebam a realidade presente no seio das escolas, que se disseminam para a sociedade como um todo.

Quando saímos de nossa zona de conforto e tiramos nossos alunos das suas, ofertamos a possibilidade da formação das competências e habilidades, que lhes dará a autonomia, solidariedade e competência, estando aptos a serem protagonistas de suas existências, bem como verdadeiros cidadãos comprometidos com a formação de uma sociedade mais equânime socioeconomicamente para todos os seus membros. Protagonistas que não se contentaram com o mínimo, porque sabem que não é fácil, mas podem conquistar o necessário para transformar ensino em aprendizagem efetiva, aprendizagem está útil para suas existências e que lhes dará a possibilidade de atuar positivamente no âmbito da sociedade que fazem parte.

Outrossim, podemos considerar que estamos apenas no início de uma longa e árdua jornada, mas não podemos nos deixar desanimar, visto que somos os responsáveis, ou seja, os atores principais que têm, através da sua prática docente, a responsabilidade de não mudar o mundo, até porque não temos esse poder, mas colaborar para estimular as transformações necessárias que irão mudá-lo.

REFERÊNCIAS

- BERBEL, Neusi Aparecida Navas. **As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes**. Londrina – PR: Revista Semina: Ciências Sociais e Humanas, v. 32, nº 1, pp. 25-40, jan./jun. 2011.
- BNCC (**Base Nacional Comum Curricular**), p. 354, 2018.
- DO BÚ, José Cícero. MELO, Josandra Araújo Barreto de. **ESTÁGIO SUPERVISIONADO E (RE) CONSTRUÇÃO DAS METODOLOGIAS NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA**. VII CBG (Congresso Brasileiro de Geógrafos). Vitória – ES, 2014.
- CALLAI, Helena Copetti. **A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino?** São Paulo: Revista Terra Livre, nº 16, pp. 133-152. 1º semestre, 2001.
- DIESEL, Aline. BALDEZ, Alda Leila Santos. MARTINS, Silvana Neumann. **Os Princípios das Metodologias Ativas de Ensino: uma abordagem teórica**. Revista Thema v. 14, nº 1, pp. 268-288. Centro Universitário – UNIVATES – Lajeado/RS, 2017.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: ed. 25ª. Paz e Terra, 2002.
- OMS – (**Organização Mundial da Saúde**), 2020.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal**. 6ª ed. Record. Rio de Janeiro * São Paulo, 2001.
- SEECT – **Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia**, 2020.
- SILVA, Maria José Sousa da. NASCIMENTO, Luciene Fabrizia Alves do. FELIX, Pedro Wallas Soares de Araújo. **Ensino Remoto e Educação Geográfica em Tempos de Pandemia**. VII CONEDU (Congresso Nacional de Educação), Maceió – AL, 2020.
- SPIRONELLE, Rosangela Lurdes, et. al. **Adequação do Ensino de Geografia a Realidade Rural: Um Estudo Junto as Escolas-Núcleo do Município de Santa Maria – RS**, Geografia Ensino & Pesquisa. Universidade Federal de Santa Maria, V. 11, Nº 1 (2001).
- SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **Pesquisa e Educação de Professores**. In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib e OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Geografia em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2002.